



# A VERIFICAÇÃO DA FÉ

**Síntese de padre Francesco Ferrari  
na Equipe dos universitários de CL**

La Thuile (Aosta), 29 de agosto – 1º de setembro de 2023

# A VERIFICAÇÃO DA FÉ

Síntese de padre Francesco Ferrari  
na Equipe dos universitários de CL

La Thuile (Aosta), 29 de agosto – 1º de setembro de 2023

*Közimniñ qarasy (A menina dos meus olhos)*

*La Sua Figura (Giuni Russo)*

*Hoy arriesgaré (Oscar Clemotte)*

Os cantos e as laudes desta manhã seriam suficientes para encerrar esses dias maravilhosos que Deus nos presenteou. «Sinto falta da presença da sua figura», canta Giuni Russo. É outra maneira de expressar o que rezamos: «Meu coração fala convosco confiante, e os meus olhos vos procuram. Senhor, é vossa face que eu procuro; não me escondais a vossa face!» (Sal 26, 8).

Um amigo dizia que ver Cristo é ver pessoas muito animadas. Não, de forma alguma! Ver Cristo é ver um homem, que tem um rosto, que tem uma fisionomia, que tem traços característicos.

## 1. OS TRAÇOS EXCEPCIONAIS DE CRISTO

Nesta manhã, não vou resumir toda a riqueza desses dias, só quero aprofundar o que, também junto com nossos amigos do Centro do CLU [grupo de responsáveis dos

universitários de Comunhão e Libertação], reconhecemos como os temas mais importantes que surgiram. O primeiro é certamente este: o rosto de Cristo, os traços excepcionais de Cristo.

Cristo era um judeu que viveu na Palestina há 2000 anos. Ele falava uma língua pobre e miserável; quase certamente usava uma túnica, como todos usavam; devia ter cabelos escuros; devia estar fisicamente em forma, dada a distância que andou e o quanto suportou durante a Paixão; também devia ser um homem fascinante, considerando que, em um determinado momento, uma mulher grita para ele: «Feliz é a mulher que te deu à luz!» (Lc 11,28). Com certeza era um homem bom, de uma bondade imensa que não podemos sequer imaginar. Ele era um homem inteligente, que sabia como responder às provocações da realidade com originalidade: «Então, deem a César o que é de César e a

Deus o que é de Deus» (Mt 22,21). Ele explicava a vida por meio de parábolas. Ele era um homem que gostava muito de estar com as pessoas, mas também, muitas vezes, de ficar em silêncio. Ele amava especialmente os mais desesperados – prostitutas, viúvas, publicanos, leprosos –, mas também não se importava em estar com os ricos, como o jovem rico que ele queria tornar seu discípulo, ou com os poderosos, como Nicodemos. Ele era um homem livre, falava com liberdade, não dependia do julgamento de ninguém. Acima de tudo, ele era um homem que realizava atos excepcionais que nenhum outro homem fazia, ele realizava milagres, milagres de diferentes tipos: havia curas, ressurreições, mas também o milagre de uma compreensão do coração humano que ninguém mais tinha. Os Evangelhos usam um termo grego que pode ser traduzido da seguinte forma: «Jesus olhou para dentro». Com relação ao jovem rico, o Evangelho diz: «Jesus fixou o olhar nele [olhou para ele] e o amou» (cf. Mc 10,21). Ele tinha uma compreensão milagrosa do coração; nenhum homem conseguia ler o coração das pessoas dessa maneira. Cristo realizou atos excepcionais.

## 2. OS DISCÍPULOS DIANTE DELE

Os discípulos que O seguiram ficaram fascinados com esses gestos, essas características muito especiais. Eles eram fascinados pelas características mais externas e simples. De fato, deve ter sido fascinante observar esse homem, como Ele falava com as pessoas, como Ele se relacionava com o mundo – pense na pessoa que você mais estima e multiplique por 500 milhões! – e então elas eram atraídas por Seus gestos extraordinários. Quanto mais estavam com Ele, quanto mais O seguiam, mais esses traços excepcionais os maravilhavam e os deixavam sem palavras. Quanto mais conviviam com Ele, mais esses traços excepcionais apontavam para algo oculto, secreto, para um coração que os discípulos queriam explorar. Eles

apontavam para algo que suscitava uma pergunta: «Quem é você? Quem é esse? De onde vem toda essa beleza, toda essa força, toda essa excepcionalidade?». E quanto mais eles o seguiam, mais urgente se tornava essa pergunta. Os discípulos queriam entender qual era a origem dessa excepcionalidade.

Nem todos queriam entender. Nesses dias, um de nós perguntou: «Que necessidade tenho de dizer “Cristo”?». Nenhuma, nenhuma obrigação, depende do que você quer. É uma escolha.

Nem todos queriam entender quem era aquele homem, muitos estavam satisfeitos com o que já haviam pensado. Os discípulos não, os discípulos queriam entender. Mas para a pergunta: «Quem é você, Cristo, quem é você realmente, de onde você veio?», os discípulos não sabiam e não podiam responder; não por conta própria. Era impossível.

E, de fato, para essa urgência deles, para essa pergunta deles, é Cristo quem responde: «Eu sou o caminho, eu sou a verdade, eu sou a vida. Eu sou o Filho de Deus. Eu sou o significado de sua vida, o significado de sua existência, da existência do mundo inteiro. Eu sou a razão pela qual você existe, pela qual você vive, pela qual você ama, pela qual você sofre, pela qual você deseja. Eu sou o significado de todo sofrimento. Eu sou Deus». Vamos tentar remover toda a obviedade com que usamos essa palavra, Cristo. «Eu sou Deus». Pense na primeira vez em que Ele começou a dizer essas palavras: «Eu sou o caminho, a verdade e a vida» (Jo 14,6). É como se eu estivesse lhe dizendo agora: «Eu, Francesco, sou a Verdade!». Pense no choque e no espanto com que seriam invadidos. «Eu sou a origem e o significado dessa promessa que define sua vida, a realização desse coração que você tem, de todos os seus desejos». «Meu coração fala convosco confiante. Senhor, é vossa face que eu procuro» (Sal 26,8). Eis que Cristo, em um determinado momento, revelou Sua face, Sua face mais verdadeira, Sua face mais profunda.

### 3. O INÍCIO DA FÉ

Foi aqui, diante do que Cristo disse sobre si mesmo, que nasceu a fé. Porque a fé, diz Giussani, é o reconhecimento de uma presença. Os discípulos, em um determinado momento, começaram a reconhecer aquela presença: não apenas a excepcionalidade daquele homem, mas quem Ele realmente era. Jesus diz aos discípulos: «E vós, quem dizeis que eu sou?» e Pedro responde: «Tu és o Cristo» (Mt 16,15-16). Cristo significa: o Messias, o enviado de Deus, Deus.

Quando Pedro deu essa resposta, ele reconheceu essa presença em sua mais profunda verdade. Mas quando Pedro deu essa resposta, diante de seus olhos ele tinha um homem; ele não via a divindade de Cristo, ele via um homem! O mesmo homem que ele havia visto uma hora antes! Pedro começou a acreditar no que aquele homem havia lhe dito sobre si mesmo. Ele tinha fé n'Ele, fé no que aquele homem havia lhe contado sobre si mesmo. E, por causa disso, ele realmente viu, viu-O mais, ao contrário de todos os outros, que se contentaram em dizer sobre aquele homem o que haviam decidido.

«Você é Deus»: a fé é essa confiança nas palavras de outro que nos leva a um conhecimento maior e mais verdadeiro. «Os discípulos viram a humanidade, mas acreditaram na divindade», disse-nos ontem Martino. Eles viram a humanidade, mas acreditaram na divindade, ou seja, no que Ele lhes havia dito.

Projeção: *Cristo Salvador*, de A. Rublöv.

Este é um ícone do início do século XV. Desde o início do cristianismo, a arte tem se deparado com o problema de como pintar um homem que era Deus. Como mostrar em traços humanos o que não é apenas humano? O ápice artístico desse desejo é justamente o ícone. É por isso que os ícones nunca são excessivamente realistas: não era o realismo físico que interessava, mas mostrar dentro da

realidade de um homem o que não era humano. Os ícones, de fato, foram pintados durante a oração, como um ato de busca: «Meu coração fala convosco confiante, e os meus olhos vos procuram. Senhor, é vossa face que eu procuro» (Sal 26, 8). Os discípulos viram um homem, mas acreditaram em Sua divindade, ou seja, no que aquele homem havia dito sobre Si mesmo. Isso os levou a ver mais, a entender mais, a reconhecer mais.

Esse ato de fé no que aquele homem havia dito sobre si mesmo foi uma graça: foi uma graça encontrar Cristo (os discípulos não decidiram encontrar Cristo); foi uma graça ser fiel a Cristo na convivência; foi uma graça o ato de reconhecimento verdadeiro da Sua presença, acreditar em Suas palavras; foi uma graça acreditar em Sua ressurreição, ou seja, acreditar que aquele rosto não acabaria mais, que Ele havia vencido todos os limites, que Ele era verdadeiramente Deus. Esse é o início da fé.

### 4. UMA QUESTÃO DE LIBERDADE

Esse reconhecimento é uma graça. Como dissemos, os discípulos não conseguiram responder à pergunta «Quem é você?» por conta própria. É Cristo quem os ajuda a responder. É uma graça: o Espírito entra na vida para ajudar as pessoas a reconhecê-Lo. Mas dizer que é uma graça não significa dizer que os discípulos não eram livres; de fato, nem todos O reconheceram, mas todos (os discípulos e outros) tiveram que se posicionar diante d'Ele.

Há uma página famosa de Giussani em que o Diário de Kierkegaard é citado: «A forma inferior do escândalo, a mais inocente humanamente, consiste em deixar indeciso o problema de Cristo. A verdade é que o imperativo cristão foi completamente esquecido: vocês devem. O fato de o cristianismo ter sido anunciado a você significa que você deve se posicionar diante de Cristo. Ele [Ele, aquele rosto], ou o fato de que Ele existe é a decisão de toda a existência». Essa é a página

do Diário citada, e depois Giussani continua: «Existem certos chamados que pela sua radicalidade não podem ser eliminados ou censurados [certos lembretes da vida: “Que beleza eu vi”, não posso mais censurar isso]. O homem é obrigado a dizer sim ou não. Quando é atingido pela notícia de um homem que declarou: “Eu sou Deus”, nenhum homem poderá desinteressar-se disso, terá que buscar se convencer de que a notícia é verdadeira ou falsa» (*Na origem da pretensão cristã*, São Paulo, Ed. Companhia Ilimitada 2012, p. 49/50), quer esse homem possa ser acreditado ou não.

Se um feirante disser que tem as melhores maçãs do país, posso até desconsiderá-lo! Mas como posso desconsiderar se um homem diz que é Deus?

Os discípulos, como todos os que conheceram aquele homem excepcional, tiveram que tomar uma posição em algum momento, usar sua liberdade, decidir se confiariam Nele ou não. «Por que eu tenho que dizer: “Cristo”?» Você não precisa, mas tem que tomar uma posição. A excepcionalidade que você vê é um apelo à sua liberdade.

Por que é importante enfatizar essa dimensão da decisão pessoal, da liberdade pessoal? Porque somente se a fé for minha decisão, somente se a fé for um ato de liberdade e, portanto, um ato meu, ela poderá ser minha fé, poderá ser um ato humano, poderá ser um ato de amor.

Cristo, ao se apresentar à nossa vida, sempre vem buscando e respeitando, implorando por nossa liberdade. É por isso que ele escolheu um sinal tão frágil, tão discreto, tão facilmente incompreendido como a nossa companhia. Ou, ainda mais: ele escolheu um sinal frágil, discreto e ainda mais facilmente incompreendido, como o pão e o vinho na Eucaristia.

Essa descrição de Cristo é sua maneira de mendigar a nossa liberdade. Péguy disse isso em uma de suas famosas páginas: Cristo é tão discreto que passa pelo frágil sinal de

uma companhia e de uma Eucaristia, um pedaço de pão, porque Ele quer ser amado livremente, quase gratuitamente, ou seja, por amor, não por obrigação. Como um amante que nunca força o «sim» da amada, ele espera por ele. É Deus quem fala: «Pode ser prazeroso ser amado por escravos? [...] / Quando você já provou ser amado livremente, as submissões não têm mais gosto. / Quando você já provou ser amado por homens livres, a prostração dos escravos não lhe diz mais nada [...] / Por isso, gosto de encontrar neles uma certa gratuidade / Que seja como um reflexo da gratuidade da minha graça [justamente porque é uma graça, deve ser gratuita: a graça é um gesto de amor e pede uma resposta de amor]. // Que seja como que criado à imagem [...] / e semelhança da gratuidade da minha graça. // Agrada-me que, em certo sentido, rezem não só livremente, mas também gratuitamente. / Agrada-me que se ajoelhem não só livremente, mas também gratuitamente. / Agrada-me que dêem e entreguem seus corações e perdoem e suportem e estimem não só livremente, mas também gratuitamente. / Agrada-me que amem finalmente, diz Deus, não só livremente, mas também gratuitamente» («*O mistério dos Santos Inocentes*», in *I Mistérios*, Milão: Jaca Book, 1997, pp. 322, 327).

Esse é o apelo de um Cristo que quer ser amado por homens livres.

## 5. A NOSSA HISTÓRIA

Nós também nos encontramos diante de uma humanidade excepcional, marcada por traços excepcionais. Uma humanidade concreta, tão concreta quanto Cristo, Sua aparência, Sua túnica, a franja de Seu manto. Nós nos encontramos diante de uma humanidade concreta, a de Lucas, Francisco, Catarina. Concreta: rostos, circunstâncias.

E assim como os discípulos viram gestos excepcionais, nós vimos e estamos vendo gestos excepcionais. Pensando nestes dias, eu poderia ficar aqui horas para contar-lhes,

para dizer-lhes os gestos excepcionais que eu – eu, Francesco – vi nestes dias, sinais da excepcionalidade do milagre de Cristo, ou seja, um gesto que não se esgota na soma dos elementos.

Façamos alguns exemplos.

Uma familiaridade impensável. Nossos amigos que fizeram o intercâmbio Erasmus na Noruega falaram sobre isso ontem, ou Cecília com seus amigos portugueses. Uma familiaridade, uma comunhão, uma unidade que não tem significado fora de Cristo. Ester disse: «Não estávamos juntos por causa de nossa simpatia, de nossas afinidades. Essa familiaridade nasceu da fé».

Uma acolhida – aqui está outro traço excepcional – sem limites, até o ponto do perdão. Alfio nos disse ontem: «Sou um traidor em série, mas sempre sou aceito de volta». Pessoal, neste mundo que não perdoa nada e permite tudo, como disse Chesterton, há um lugar onde um traidor em série (como ele mesmo se chamava) sempre foi levado de volta; portanto, uma acolhida infinita, até o ponto do perdão.

Uma compreensão mais profunda da realidade: para mim, essa é a bela história de Alexandre, que mostrou como a educação que recebeu ao fazer caritativa lhe deu um olhar diferente sobre as circunstâncias de saúde das pessoas que visitava, um novo olhar que enxergava mais profundamente, um olhar mais verdadeiro, mais verdadeiro até do que seu professor, mesmo tendo estudado mais. Ele nos disse: «Nunca fui à caritativa para buscar questões científicas, mas a gratuidade gera um olhar sobre a realidade que vê coisas novas».

Um amor mais verdadeiro entre homem e mulher, como Alexandre também testemunhou.

Uma alegria impensável, mesmo diante dos dramas mais misteriosos. Uma alegria impensável que não é a soma de nossos rostos, como nossos amigos disseram a Tobia na última noite de suas férias, ou tantos de vo-

cês em tantos relatos, pensando nos dramas de suas famílias.

Por último – mas eu poderia continuar –, a experiência da filiação, a experiência – não o sentimento! – de ser amado, a certeza de ser querido mesmo quando a vida parece tê-lo abandonado. «Eu sou o filho da promessa», disse Yuri.

Nós também, diante dessa excepcionalidade, desses traços excepcionais, somos receptores de um anúncio: toda essa vida nova que vocês veem, amigos, toda essa vida excepcional que vocês veem, tem origem na pessoa de Cristo, tem origem nesse rosto, nessa figura, tem origem na pessoa de Cristo. Este é um anúncio que nos é feito, é uma palavra que nos é dita: «A fé nasce do ouvir» (Rm 10,17). E o que conta é tê-las ouvido, essas palavras. Nós as ouvimos, e as repetiremos sempre, enquanto servirem: toda a beleza que podemos encontrar nesta nossa companhia miserável vem de Cristo, é um sinal de Sua presença entre nós. Este é o anúncio cristão.

## 6. A FÉ

Diante deste anúncio, nós também somos desafiados em nossa liberdade, nós também somos chamados a tomar uma decisão. E talvez – espero – hoje, depois desses dias, possamos entender melhor o que significa ser chamados a tomar uma posição. «Não sou capaz de dizer “Cristo”»: essa é a objeção que ouço com frequência. Mas ninguém afirma que você é capaz de dizer «Cristo». A questão é se você, meu amigo, pode e quer confiar no que lhe é dito.

Vou ler para vocês uma passagem de Giusani que nos ajuda a entender como a confiança nas palavras do outro (fé) não é algo irracional.

«Se o Mistério é a verdade do homem, e sendo Mistério, a verdade não pode ser conhecida, se o Mistério coincide com aquele homem, a verdade é aquele homem ali. [...] É este **homem presente**. Este é o salto mortal contra o que todos os homens dos últimos

séculos se rebelaram». Por que se rebelaram? Pois confiar em outro em tal coisa é depender de outro. E o homem, em sua orgulhosa presunção, quer ser seu próprio senhor. «Se se uma pessoa disser isso [o anúncio de Cristo: “Eu sou Deus”], ou quer enganar você do modo mais grosseiro, mais terrível, e deve ser morto – de fato! – ou tem razão (isto é, não tenho nenhuma razão a opor). Quem é ele? Devo repetir as suas palavras [para responder a essa pergunta], sou obrigado a repetir as suas palavras, porque não tenho nenhum dado de experiência para contrapor às suas palavras. Só tenho dados de experiência que pré-confirmam as suas palavras [toda essa beleza, toda essa excepcionalidade]: confirmam-nas. E quanto mais repito as suas palavras, mais entendo. [...] A pergunta que devemos responder está fincada como característica fundamental da sua responsabilidade, como expressão suprema da sua humanidade [a pergunta que temos de responder está realmente plantada em nossa vida]: “E você, o que diz que eu sou?”. “E vocês [todos vocês], o que dizem que eu sou?”. A única resposta [ou seja, a mais razoável], é repetir o que Ele disse: “Sabemos que você é Deus porque você disse”. De fato, ninguém pode fazer essas coisas, a não ser Deus [...]. Este é o cristão: a testemunha do que Ele diz de si. Portanto, não é o teólogo, mas o amigo dele: quem acredita nele. Acredita pelo testemunho que deu de si mesmo, e aceita o seu testemunho porque não existe ninguém que tenha feito, saiba fazer e dizer as coisas como Ele fez e disse; não só não é normal, mas é humanamente inexplicável. A fé afirma uma coisa porque Ele disse. Ponto final. [...] é razoável que a pessoa aceite porque foi ele que disse, na medida que é historicamente afirmável, uma excepcionalidade de comportamento afirmável, uma excepcionalidade de performance, que não pode ser encontrada em nenhum lugar» (L. Giussani, *Si può (veramente?) vivere così?*, Milão: Bur, 1996, pp. 92-94). Esta é a fé, este é o anúncio que nos é

feito, esta é a fé que podemos viver: acreditar no anúncio e nas palavras que nos são ditas.

Acreditar na palavra do outro não é um insulto à minha razão, porque é a palavra que mais me introduz na excepcionalidade que vejo.

## 7. A COMPANHIA E A ORAÇÃO

O salto mortal (como Giussani o chama); ele nos assusta, parece que nos perdemos ao afirmar e depois amarrar a nossa vida a tal coisa. Mas não é só isso: como dissemos nos últimos dias, há em nós uma fraqueza mortal, uma moleza em que há momentos em que intuímos, em que confiamos, mas depois tudo parece desmoronar.

Então, o que nos sustenta? Como já dissemos nos Exercícios, Giussani apontou duas grandes ferramentas para o caminho cristão: a companhia e a oração. O caminho da fé é uma necessidade minha, um ato meu. Que lugar tem então a comunidade, o fato de estarmos aqui juntos? Retomo a citação de Bento XVI que Davide usou: «Não posso construir minha fé pessoal num diálogo privado com Jesus, porque a fé me é doada por Deus através de uma comunidade crente que é a Igreja [...]. Nossa fé só é realmente pessoal [é minha], se for também comunitária: só pode ser a minha fé, se viver e se mover no ‘nós’ da Igreja» (*Audiência geral*, 31 de outubro de 2012). Por que só pode ser a “minha” fé se for a “nossa” fé? Porque no início não é o que você pode dizer que conta, é o que lhe é dito, o anúncio que você recebe e a crença que você dá a esse anúncio. É somente em um relacionamento que a fé é vivida, ninguém inventa a fé por conta própria.

O encontro inicial ocorreu em uma companhia, a excepcionalidade que me atinge está dentro de uma companhia, o anúncio que me é feito é feito por uma companhia, por um lugar. Então, como aconteceu com os apóstolos, é vivendo com essa companhia – ou seja, pertencendo, estando dentro: padre Pedro disse: «Por osmose, por contato, por

proximidade!» – que eu posso caminhar na fé. A noite sobre Adriana Mascagni me fez ouvir novamente, com surpresa, as palavras que tenho ouvido durante toda a minha vida. Elas são impressionantes: «O mal que eu faço não é o meu mal [eu não gostaria de ter essa fraqueza, essa moleza]. Sou mais miserável do que eu achava; / o mal que tenho dentro destes meus ossos, / Pai, me mantém longe de ti. [...] Faz que eu encontre quem saiba sofrer, / quem saiba doar até o fim [quem sabe viver o sofrimento, quem sabe amar até o fim], / quem é sincero, quem é real [quem tem os traços de uma humanidade mais verdadeira!] / alguém que eu possa pelo menos seguir» («*Non son sincera*», *Canti*, Società Coop. Milão: Ed. Nuovo Mondo, 2014, p. 206). Essa é a verdadeira companhia: um lugar de testemunhas, um lugar de humanidade mais verdadeira que nos redime de nosso mal e que, portanto, podemos seguir; pessoas tocadas pela fé, pelo anúncio da fé, rendidas a esse anúncio. Essa é a Igreja. Sem essa companhia, não posso ter fé. Obviamente, não estamos falando de fé na companhia, mas em Cristo! É uma fé em Cristo que só é dada por meio de um pertencimento, uma confiança, uma obediência, um seguimento, um estar, uma vida dentro de uma companhia. É por causa dessa fé em Cristo, por causa desse objetivo maior e mais belo ao qual a companhia me conduz, como nos dissemos nos últimos dias (falando do objetivo dos passeios), que posso até aceitar, até abraçar, o escândalo dos limites dessa mesma companhia.

O outro apoio, a outra ferramenta é a oração, o pedido, porque se é verdade que a fé é uma graça, mas se também é verdade que é um ato de liberdade, então precisamos pedir, realmente pedir para podermos dizer sim. Em nossas comunidades, devemos rezar. Nossa companhia deve sustentar a fé de todos, deve nos chamar para uma vida que não viveríamos instintivamente. Se não houver oração, o verdadeiro horizonte da nossa

companhia estará ausente e, então, apenas a nossa humanidade pobre permanecerá, sem um lembrete. E caímos no esquecimento de Cristo.

Assim, nossa vida é realmente um jogo de graça e exigência, em que minha fidelidade e minha jornada nesta companhia são possíveis por causa de Sua fidelidade, por causa de Sua graça. Mas a Sua graça, o fato de ser sempre retomado, desperta em nós cada vez mais o desejo de fidelidade, ou seja, de amar até o fim, de responder até o fim.

## 8. A VERIFICAÇÃO DA FÉ

A fé é a confiança no que Cristo me disse, por meio da companhia que encontrei. E Cristo - vamos repetir para que nunca nos esqueçamos - declara-se a resposta para todos os desejos do meu coração. Mas «se Cristo é realmente a resposta para minha vida, para nossa vida, isso deve ser “visto” de alguma forma» (L. Giussani, *Milano 1954: cronaca di una nascita*, «30 Giorni», n. 11/1988, p. 45).

O início do caminho da fé, ou seja, dessa confiança nas palavras de Outro, pode ser conturbado. Mas vamos nos libertar de dizer: não sou capaz de dizer «Cristo», esse não é o problema! Você é convidado a confiar nas palavras do outro: é assim que você chega, pela graça, a dizer Cristo! O início desse caminho de fé e de confiança também abre imediatamente o caminho da verificação da fé.

A verificação da fé consiste, então, em verificar se, tendo confiança, fé, no anúncio de Cristo que me é feito, a minha vida muda, toda a minha vida muda. Não se sou capaz de mudar, mas se a minha fé (a Presença que reconheço), a minha confiança n'Ele torna a vida nova, isto é, se a minha vida começa a respirar aquela excecionalidade que vi, se começo a experimentar em mim, na minha vida, em todos os «continentes da minha vida», a vitória de Cristo presente.

«Verificar, perceber a verdade do anúncio que nos foi feito: mas por meio de quê, de que maneira? Tentando enfrentar todos os



problemas de nossa vida com isso em mente, tendo presente aquela fé, à luz da fé; e se a fé é o reconhecimento de uma presença, enfrentar todos os problemas da existência à luz daquela presença» (*idem*).

A verificação da fé, então, nasce de um desejo, de uma necessidade que emerge em nós no encontro com Cristo dentro da Igreja. É um desejo de totalidade: o desejo de que tudo tenha algo a ver com o encontro (porque se o Senhor é Deus, então tudo tem a ver com o Senhor), com aquele homem excepcional. Tudo está carregado com uma promessa de excepcionalidade. Tudo pode ser renovado por esse encontro. É somente essa totalidade que corresponde verdadeiramente, até o fundo, ao nosso coração (porque nosso coração é uma exigência infinita). Ouçam este trecho de Bergoglio no prefácio de *O senso religioso*: «O homem não pode contentar-se com respostas reduzidas ou parciais que o obriguem a censurar ou esquecer algum aspecto da realidade. Na verdade, no entanto, nós o fazemos: e isso é apenas uma fuga de si mesmo. O homem precisa de uma resposta total que compreenda e salve todo o horizonte do seu “eu” e da sua existência. Dentro de si ele possui um anseio pelo infinito, uma tristeza infinita, uma nostalgia [...] que se satisfaz apenas com uma resposta igualmente infinita. O coração do homem mostra-se sinal de um Mistério, isto é, de algo ou alguém que é uma resposta infinita. Se não for no Mistério [em Deus], as exigências de felicidade, de amor e de justiça nunca encontram uma resposta que satisfaça plenamente o coração humano. Se essa resposta não existisse, a vida seria um desejo absurdo» («Para o homem» in L. Giussani, *O senso religioso*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2023, pp. 13-14). A verificação da fé é o caminho para descobrir que Cristo é verdadeiro, cada vez mais, e que ele é a resposta para toda a minha vida, para todo o meu coração. A verificação da fé é a descoberta de que Cristo é a vitória sobre o absurdo, é a vitória do Mistério sobre o absurdo.

## 9. TOTALIDADE E CAMINHO

Dissemos que a verificação da fé é um caminho. Essa totalidade que desejamos, ver que Cristo muda toda a vida, que Ele tem a dizer sobre todas as circunstâncias da vida, é a meta do caminho. «O que tornou nossa amizade viva foi a pretensão de totalidade» (L. Giussani, *Milano 1954: cronaca di una nascita*, op. cit., p. 46).

«Há continentes inteiros em minha vida – dissemos um ao outro, citando Biffi – onde a cruz de Cristo ainda não foi plantada» (G. Biffi, *La multiforme sapienza di Dio*, Siena: Cantagalli, 2014, p. 114). Como Martino nos disse com razão, essa é uma frase positiva, dolorosamente positiva, porque sinaliza uma falta, mas promete um caminho. A totalidade é a meta, mas também é uma experiência que já começou; é a meta e é o caminho, é algo que já começou. Essa vida à luz da Presença que encontramos é como uma aurora – segundo a imagem de Dom Giussani – na qual ainda há escuridão, mas já começa uma luz. E essa luz que começa pode ser uma pequena chama, mas está cheia da promessa do sol do meio-dia. Quando o sol estiver pleno, ele aquecerá, iluminará e clareará toda a nossa vida.

## 10. UMA VIDA NOVA

Queremos verificar que Cristo pode tocar todos os aspectos da existência e, assim, torná-los novos. Podemos então redescobrir as três dimensões da vida cristã que Giussani citou e lembrou tantas vezes como expressão dessa vida nova. As três dimensões da vida cristã são a cultura, a caridade e a missão.

**Cultura.** A verificação da fé é, antes de tudo, sobre o juízo que temos sobre a realidade, sobre nós mesmos e sobre o mundo, ou seja, a cultura. Um de vocês perguntou: «O que Cristo tem a ver com a engenharia?» Devemos responder a essa pergunta.

Esse trabalho de verificação, de descobrir a conexão entre Cristo e toda a vida, deve

ser vivido primeiramente por meio do estudo. Podemos dizer que somos um tanto deficientes nesse aspecto. Não no sentido de que estudamos pouco, mas de que vivemos o estudo desconectado do encontro que fizemos. Poucas vezes, ao visitar as comunidades durante o ano passado, o assunto do estudo surgiu em nossas assembleias. Essa nossa fraqueza surgiu de forma retumbante – e simpática – ontem à noite, durante os belos testemunhos de nossos amigos que fazem o intercâmbio Erasmus: de quatro testemunhos, ninguém mencionou o estudo!

Acredito que isso também se deve ao fato de estarmos imersos em uma cultura que nos faz viver a universidade sempre nos preocupando com prazos, média de notas, o nível que devemos atingir para conquistar o próximo passo, a carreira. Quando é que gostamos de estudar? Quando é que nos surpreendemos com o que descobrimos? Quando ficamos maravilhados com a beleza de uma coisa nova que descobrimos? Sem deixar de lado todos os outros aspectos, que também são importantes (é claro que a prova deve ir bem), o verdadeiro prazer de estudar é a surpresa de perceber a ligação entre o que estudo e a minha felicidade, a surpresa do fato de que o que estudo tem algo a ver com meu destino, com minha felicidade, ou seja, tem algo a ver com Cristo. Precisamos nos ajudar mutuamente nisso. O estudo é a primeira área em que devemos realizar essa verificação da fé.

A verificação da fé também se dá por meio de um juízo sobre o que está acontecendo ao nosso redor. Quantas provocações que a realidade nos oferece estão esperando por nossa verificação, por essa cultura! O que, por exemplo, o encontro que fizemos tem a dizer sobre a visão do homem que hoje é compartilhada por todos de forma absolutamente homologada, em que todos pensam a mesma coisa sobre a afetividade, sobre o significado do nascimento e da morte, sobre o homem concebido apenas como detentor de direitos subjetivos?

Nossa amiga perguntou como conhecer os ensinamentos da Igreja sobre a vida. Acho que essa é uma pergunta correta, que deve ser vivida de maneira ordenada e bela. A pergunta é correta porque, se Cristo está envolvido em tudo e a proclamação de Cristo é feita a mim nesta companhia, então quero saber o que essa companhia pensa sobre as coisas. Essa companhia – a Igreja – faz a verificação da fé há 2000 anos. Eu gostaria que todos nós tivéssemos a humildade de perguntar àqueles que já fizeram essa verificação o que eles pensam sobre a vida. Portanto, é correto, de fato essencial, querer saber e conhecer o que a Igreja pensa. É claro, porém, que se a maneira de saber o que a Igreja pensa fosse apenas organizar cursos de atualização, ficaríamos entediados, e isso rapidamente se tornaria árido.

Recomendo duas maneiras de aprender a olhar o mundo também à luz dos ensinamentos da Igreja: a primeira é viver bem nossas propostas, assimilar os conteúdos que propomos (refiro-me à Escola de Comunidade, aos juízos que indicamos, aos livros que recomendamos, etc.). A segunda é aprofundar os ensinamentos da Igreja a partir das provocações que a realidade nos apresenta. Por exemplo, na diaconia de Milão, no final do ano, um de nós fez uma pergunta sobre uma reunião realizada na Politécnica sobre a homoparentalidade. Dissemos que pediríamos ajuda para explorar essa questão e dar um juízo. Acho que esse trabalho cultural é importante para todos nós. Seria bom se alguém entre nós fizesse um esforço para ajudar a todos nesse trabalho de julgar sistematicamente os eventos atuais, para apoiar o caminho de verificação da fé de todos nós.

**Caridade.** O segundo aspecto de verificação é a caridade. A caridade é um novo amor. Somos chamados a olhar para as pessoas (pai, mãe, colega de classe, amigo, menino e menina) com esta pergunta dentro de nós: «O que Cristo tem a ver com você?» Entenda que

o relacionamento é repleto de novidade, de trepidação, de intensidade, de profundidade e capacidade de espera, de respeito, de gratuidade. Porque se você tem algo a ver com o mistério de Deus, eu me ajoelho diante de você, eu o adoro, não o «agarro» como se agarra um objeto que possuímos. O ápice da caridade é a virgindade, é aprender a olhar para a outra pessoa amando-a como sinal do mistério de Deus, na medida em que ela está em conexão com Cristo. Pensem no que significa olhar para os relacionamentos assim, viver assim, tendo dentro esse profundo senso da Presença do mistério de Deus, com um desapego que não é vazio, mas cheio da beleza de Deus! Então, o relacionamento com o amigo tem a ver com toda a história que eu vivi no movimento, com esses dias, com a geleira que vimos no passeio, tem a ver com tudo! Esse momento de relacionamento está repleto de toda a história, do mundo, de Deus. A caridade nascida da fé é o amor de Cristo em cada homem. Egied Van Broeckhoven diz em seu livro *A amizade*: «Senhor, deixe-me encontrar em cada homem a terra desconhecida – o mistério – que você é». A caridade também entre nós, esse olhar entre nós, é um traço excepcional de Cristo. Ele olhava para cada homem desta forma: «Eram teus, Senhor, e tu os deste a mim» (cf. Jo 17:6).

**Missão.** Há um último aspecto dessa nova vida que gostaria de enfatizar: a missão.

Aqueles que encontraram Cristo ficaram impressionados, com seu amor pela humanidade, com a sua paixão desmedida por cada homem, com sua paixão tão profunda a ponto de dar tudo pela humanidade. «Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim» (Jo 13,1). «Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores» (Rm 5,8). «Ele me amou e se entregou por mim» (Gal 2,20). A extraordinária paixão pela humanidade foi um de Seus traços característicos e foi o fruto de Seu amor pelo Pai, porque Ele vivia Seu relacionamento com o Pai em cada encontro.

Uma das características da vida nova e excepcional trazida por Cristo, da vida nova que queremos descobrir cada vez mais, é a paixão por todas as pessoas. Nossos amigos que voltaram do intercâmbio Erasmus ontem à noite contaram isso de forma maravilhosa. Para seus colegas de classe, para seus amigos, para sua família, para todos. É um desejo sincero, não artificial e profundo, de que todos sejam tão felizes quanto nós. Ninguém mais é indiferente a nós. É a grande vitória sobre o fechamento em si mesmo e o individualismo, sobre o egoísmo que tantas vezes domina nossos dias. É a vitória sobre a mesquinhez de nossos horizontes pequenos e calculistas. É uma vida dominada pela paixão pelo outro e, portanto, pela missão, para que todos saibam, para que todos sejam iluminados por essa aurora de felicidade plena que é a vida com Cristo.

## CONCLUSÃO

Projeção: *Cristo Salvador*, de A. Rublëv.

Voltemos ao nosso ícone de Rublëv. Em algum momento da história, os vestígios desse ícone foram perdidos, até que, felizmente, ele foi encontrado novamente. Por ser uma tábua de madeira bastante grande, ela havia sido usada em um estábulo como tábua de chão, com a imagem voltada para baixo. Ela está toda estragada porque esteve em contato com a umidade, além de ter sido pisoteada. Extraordinariamente, no entanto, a única parte que não foi desgastada foi o rosto de Cristo. Quando foi encontrado, percebeu-se que tudo havia sido consumido, mas aquele rosto permaneceu. Da imundície do chão de um estábulo, aquele rosto emergiu!

O significado da nossa companhia é nos acompanhar para descobrir «aquele» Rosto, que hoje também pode estar enterrado na sujeira e no esquecimento. Mas Cristo é fiel: nem a sujeira nem o esquecimento jamais desgastarão Seu rosto. Essa companhia nos acompanha para descobri-Lo sempre de novo.

